

23/03/2017 às 05h00

Robotização sem taxaço?

Por Robert Shiller

A ideia de um imposto sobre robôs foi aventada em maio passado em relatório preliminar ao Parlamento Europeu preparado pela parlamentar Mady Delvaux, membro da Comissão de Assuntos Jurídicos da Casa. Enfatizando o quanto os robôs poderiam aumentar a desigualdade, o relatório propunha que poderia haver a "necessidade de introduzir requisitos de divulgação de resultados corporativos sobre o grau e a proporção da contribuição da robótica e da Inteligência Artificial (IA) para os resultados econômicos de uma empresa, para fins de taxaço e contribuições previdenciárias".



A reação da opinião pública à proposta de Delvaux foi esmagadoramente negativa, com a notável exceção de Bill Gates, que a endossou. Mas não devemos descartar peremptoriamente a ideia. Apenas nos últimos doze meses assistimos à proliferação de aparelhos como o Google Home e a Amazon Echo Dot (Alexa), que substituem alguns aspectos da ajuda nas tarefas domésticas.

Da mesma forma, os serviços de táxi sem motorista Delphi e nuTonomy, de Cingapura, começaram a substituir motoristas de táxi. E o Doordash, que emprega miniveículos autodirigidos da Starship Technologies, está substituindo o pessoal de "delivery" de comida nos restaurantes.

Se essas e outras inovações que dispensam mão de obra tiverem sucesso, certamente os apelos em favor de sua taxaço ficarão mais frequentes, devido aos problemas humanos que surgem quando as pessoas perdem o emprego - muitas vezes empregos com os quais elas têm estreita identificação e para os quais podem ter despendido anos de preparação.

Os otimistas destacam que sempre houve novos empregos para pessoas substituídas pela tecnologia; mas, com a aceleração da revolução da robótica, continuam a crescer as dúvidas sobre até que ponto isso se verificará. Um imposto sobre os robôs, segundo esperam seus defensores, poderá desacelerar o processo, pelo menos temporariamente, e gerar arrecadação para custear ajustes, como programas de requalificação profissional para trabalhadores aliados do emprego.

Esses programas podem ser tão essenciais quanto é o nosso trabalho para a vida humana saudável, tal como a conhecemos. Em seu livro "Rewarding Work" ("Trabalho Gratificante", em tradução livre), Edmund S. Phelps enfatizou a importância fundamental de manter "um lugar na sociedade -

LEIA MAIS

Republicanos veem janela para reforma tributária nos EUA

Tributaço de empresas dos EUA deve mudar após eleição

Os impostos sobre as heranças



Mensagens dos leitores

IDH

O relatório das Nações Unidas sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) não trouxe boas notícias para o nosso país. Nosso índice de IDH apresenta estagnação. Ou seja, o mesmo de 2014, de 0,754, numa escala de 0 a 1. Entre os 188 países estacionamos em 79º lugar. Também decepciona o tempo médio dos nossos estudantes na escola, de apenas 7,8 anos. Nos...

23/03/2017 às 05h00 - Paulo Panossian -

Carne Fraca

Todo governo aceita fazer nomeações políticas para garantir apoio dos parlamentares, mas sabe muito bem que a grande maioria dos

uma ocupação". Quando muitas pessoas não conseguem mais encontrar trabalho para sustentar a família, as consequências são problemáticas, e, como enfatiza Phelps, "o funcionamento de toda a comunidade pode ser prejudicado". Em outras palavras, há externalidades à robotização que justificam alguma intervenção governamental.

Os críticos à taxaço pelo emprego de robôs têm enfatizado que a ambiguidade do termo "robô" dificulta a definição de uma base tributária. Os críticos destacam também os benefícios gigantescos, inegáveis ao crescimento da produtividade propiciadas pela nova robótica.

Mas não descartemos tão rapidamente a adoção de impostos sobre robôs, ao menos modestos, durante a transição para um mundo do trabalho diferente. Esse imposto deve ser parte de um plano mais amplo de administrar as consequências da revolução da robótica.

Os impostos têm de ser reestruturados de modo a corrigir a desigualdade de renda induzida pela robotização. Pode ser politicamente mais aceitável, e, portanto mais sustentável, taxar os robôs em vez de apenas as pessoas de alta renda

consequentemente, desestimulada.

Frank Ramsey publicou um estudo clássico em 1927 que argumentava que, para minimizar as distorções induzidas pela taxaço, todas as atividades deveriam ser taxadas, e propôs como fixar as alíquotas dos impostos. Sua teoria abstrata nunca foi um princípio inteiramente operacional para a definição das alíquotas de impostos reais, mas constitui um argumento poderoso contra a suposição de que o imposto deveria ser zero para todas as atividades, com exceção de umas poucas, ou de que todas as atividades deveriam pagar a mesma alíquota de imposto.

Atividades que criam externalidades poderiam ter uma alíquota mais elevada. Por exemplo, os impostos sobre bebidas são generalizados. O alcoolismo é um grande problema social. De 1920 a 1933, os Estados Unidos testaram uma proibição total ao consumo de bebidas alcoólicas. Mas foi impossível eliminar o consumo do álcool. O imposto sobre bebidas alcoólicas que acompanhou o fim da Lei Seca foi uma forma mais branda de dissuasão.

A discussão de um imposto sobre os robôs deve levar em conta as alternativas que temos para enfrentar a crescente desigualdade. Seria natural estudar a possibilidade de adotar um imposto de renda mais progressivo e uma "renda básica". Mas essas medidas não contam com amplo apoio popular. Quando o respaldo não é generalizado, o imposto, mesmo se adotado, não dura.

Quando os impostos sobre a alta renda sofrem aumento, normalmente em tempos de guerra, a elevação revela-se apenas temporária. Em última instância, parece natural para a maioria das pessoas que taxar pessoas bem-sucedidas para beneficiar pessoas mal sucedidas é aviltante para estas últimas, e até os beneficiários da distribuição muitas vezes não a querem, na verdade. Os políticos sabem disso: normalmente não alardeiam propostas destinadas a confiscar altas rendas para reforçar baixas rendas.

Em vista disso, os impostos têm de ser reestruturados de modo a corrigir a desigualdade de renda induzida pela robotização. Pode ser politicamente mais aceitável, e, portanto mais sustentável, taxar os robôs em vez de apenas as pessoas de alta renda. E, apesar de esse procedimento não tributar o sucesso humano individual, como fazem os impostos sobre a

nomeados, assim como seus padrinhos, são corruptos e só estão no governo para se locupletar.

A Operação Carne Fraca deixou claro que faltou fiscalização, portanto, a culpa não é da PF nem do MP e sim do governo que...

23/03/2017 às 05h00 - Izabel Avallone -

Gilmar Mendes

De onde menos se esperava veio o ataque mais contundente contra a Operação Lava-Jato. O ministro Gilmar Mendes defendeu que o vazamento de informações da delação de ex-executivos e funcionários da Odebrecht - supostamente cometidos por funcionários da Procuradoria-Geral da República (PGR) - pode ocasionar o descarte das provas baseado no princípio...

23/03/2017 às 05h00 - Mara Montezuma Assaf -

Ver todas | Envie sua mensagem

Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Censo escolar e o Plano Nacional 05h00

Homens, mulheres e a Previdência Social 05h00

Robotização sem taxaço? 05h00

Avanço da Lava-Jato põe as instituições sob pressão 05h00

Ver todas as notícias



Videos

renda, ele poderia implicar, na verdade, um certo aumento dos impostos sobre as rendas mais elevadas, se essas rendas elevadas tiverem sido auferidas em atividades que envolvem a substituição de pessoas por robôs.

Um imposto moderado sobre robôs, mesmo um imposto temporário que simplesmente desacelere a adoção de tecnologia prejudicial, parece um componente natural de uma política concebida para enfrentar a desigualdade crescente. A arrecadação poderia ser direcionada para o seguro-salário [destinado aos que foram obrigados a trabalhar por salários mais baixos], a fim de ajudar pessoas substituídas por novas tecnologias a fazerem a transição para uma outra carreira. Isso se harmonizaria com o nosso senso natural de justiça e, portanto, tenderia a perdurar.
(Tradução de Rachel Warszawski)

Robert J. Shiller, prêmio Nobel de economia em 2013, é professor de economia na Yale University e coautor, com George Akerlof, de "Phishing for Phools: The Economics of Manipulation and Deception". Copyright: Project Syndicate, 2017.

www.project-syndicate.org

Compartilhar 1 Tweet Share G+1 0 Ω



Inteligência artificial será tão essencial quanto energia elétrica
06/01/2017

